

Inconsciente e função literária

*Maria Zely de Souza Muniz **

1. O inconsciente; 2. Os sonhos, mensagens do inconsciente; 3. Psicanálise e literatura; 4. Literatura e psicanálise; 5. Psicanálise literária e educação.

1. O INCONSCIENTE

Durante muito tempo os psicólogos ignoraram a existência de uma atividade inconsciente do espírito. Embora se possa encontrar aqui e ali alusões a algum aspecto inconsciente da vida psíquica, a análise deliberada de operações mentais inconscientes é relativamente recente.

Bergson, em 1901, dizia: “Explorar o inconsciente, trabalhar no subsolo de espírito com métodos especialmente apropriados, tal será a tarefa principal da psicologia no século que começa”, profetizando o impulso de Freud que, de certo modo, desvendou estruturas psíquicas inconscientes que haviam escapado até então à investigação psicológica.

* Professora de português e literatura do Colégio Nova Friburgo da FGV.

2. OS SONHOS, MENSAGENS DO INCONSCIENTE

Segundo Freud os sonhos têm um sentido e são mensagens do inconsciente. Em sua obra *Ciência dos sonhos* diz ele: “a interpretação dos sonhos é a estrada real que conduz ao conhecimento do inconsciente”. Os sonhos são assim como efeitos-sinais de processos mentais ocultos.

O devaneio, o sonho acordado, tem, também, segundo o próprio Freud, por objeto realizar desejos, e revela sempre o dinamismo de um desejo pertencente à intimidade do psiquismo.

A vida imaginária, os sonhos inventados por um escritor são, portanto, suscetíveis das mesmas interpretações que os sonhos reais. Na atividade criadora dos poetas e dos romancistas entram os mecanismos do inconsciente que presidem à elaboração dos sonhos e são igualmente passíveis de interpretação e estudo.

3. PSICANÁLISE E LITERATURA

Analisando *Gradiva* de W. Jensen, Freud pôde provar que os delírios e os sonhos imaginados pelo autor eram também um meio para o psiquismo inconsciente se realizar, suscetíveis, portanto, das mesmas interpretações que os sonhos reais.

Ao criar, o artista vai abeberar-se em sua realidade pessoal, muitas vezes consciente, porém não raramente inconsciente. A obra literária é, de certo modo, um teste projetivo. Ao escolher estas ou aquelas imagens está o autor projetando seus complexos inconscientes em virtude de mecanismos conhecidos; deslocamento, condensação, simbolização, etc.

Vários estudos têm sido feitos neste sentido. Otto Rank, discípulo de Freud, fornece indicações interessantes sobre as relações que existem entre os mitos, a literatura e sobre as origens inconscientes da necessidade mitológica e literária; os “ditos espirituosos” são, segundo Freud, para aqueles que os empregam, um meio de expressão de idéias que não podem traduzir de modo direto; Charles Baudouin dedicou algumas de suas obras ao estudo de psica-

nálise literária: *Psicanálise de Victor Hugo*, e outras. Procurava ele, através de uma obra, a razão desta obra, isto é, desentranhar dela condições inconscientes. Dr. Laforgue em *Psychopathologie de l'échec*, apresentou um estudo interessante sobre Rousseau; Maria Bonaparte desvendou a recordação que marcou o inconsciente de Edgar Allan Poe durante toda a vida e foi a neurose que deu unidade à sua obra, num estudo profundo e coerente.

Estes são alguns dos trabalhos realizados neste campo. A meditação sobre uma obra permite, de fato, penetrar mais fundo na psicologia do autor do que o conhecimento de sua biografia. Resta então que diferenciar o que há de coletivo e o que há de pessoal no inconsciente produtivo das obras literárias; localizar a influência de consciência coletiva dos acontecimentos e dos estímulos da época em que viveu o autor e os complexos pessoais e primitivos que animam os símbolos contidos em sua obra.

O símbolo, diz Baudouin, é “um sistema suscitado pelas leis naturais da imaginação e do sonho, a representação de um complexo, a projeção do dinamismo do complexo no plano da imagem”. É “o ato por excelência da imaginação criadora”.

4. LITERATURA E PSICANÁLISE

“A literatura atende a uma ânsia de evasão, tanto por parte do escritor como do leitor que com ele se identifica. Essa evasão costuma caracterizar-se de várias maneiras, além da freqüente volta à infância:

- a) O escritor “afoga-se na literatura” para se esquecer da vida;
- b) procura, no tempo passado, a beleza e a felicidade que a época atual não oferece;
- c) busca em passagens, costumes e gente alheia e exótica o compensar para a sua inadaptação;
- d) projeta-se em personagens que atendam à sua imagem de realização;
- e) mergulha no sonho, às vezes até provocado.

A literatura funciona, assim, como *terapêutica*, como *fuga*, *catarse*: através dela, verifica-se, no autor ou no leitor, um processo de depuração psicológica e espiritual que leva também à sensação de paz e tranqüilidade.” (Proença Filho, Domício. *Português e literatura*, Liceu, 1974.)

“(. . .) podemos nos identificar com o que a obra revela. Verifica-se pois uma consciência espiritual de módulo vital entre o poeta e o homem de todas as épocas, próximos ou dispersos, no tempo e no espaço”. (Castanino, R. H., *¿Qué es literatura?* Buenos Aires, Editorial Nova, 1954.)

“A literatura não é uma atividade de adorno, mas a expressão mais completa do homem. Todas as demais se referem ao homem enquanto especialista de alguma atividade singular. Só a literatura *expressa o homem enquanto homem*, sem qualquer distinção ou qualificação. Não há caminho mais direto para que os povos se entendam e se conheçam uns aos outros do que esta concepção do mundo manifestado nas letras.” (Reyes, Alfonso. *El deslinde*. México, 1944.)

O texto *Extrema carícia*, de Cruz e Souza, transcrito a seguir, é a descrição de um estado de espírito, das emoções de um personagem em estado de transe. Na descrição dessas emoções, os aspectos exteriores são substituídos por elementos cada vez mais interiorizados, procurando-se trazer à tona o mundo misterioso do inconsciente. A presença da cor branca e do som, assumem a configuração de um estado hipnótico.

Extrema carícia

O que ele, apenas, sem realidade sentia naquela hora velada, além de uma esparsa e acerba saudade de tudo, era uma carícia infinita, verdadeiramente inexplicável, invadi-lo todo, difundir-se pelo seu ser como que em músicos e mornos tóxicos luminosos. Era uma dormência vaga, uma leve quebreira e letargia que o mergulhava num sono nebuloso, por entre irisações de brancura, num apaziguamento suave, como se ele estivesse acaso adormecido em cisternas de leite, ouvindo pássaros invisíveis cantar e sons sutilíssimos de harpas docemente, finamente fluindo . . .

Era um luar espasmódico, em delíquios, que nervosamente o aureo-lava, que lhe caía em neblinas de lírios mádidos nas origens mais recônditas da alma. Era um óleo paradisíaco que manso e manso o acalmava, o anestesiava. Uma extrema carícia, que fazia dilatarem-se-lhe todas as fibras, percorrendo-lhe pelo organismo, extasiadamente, numa onda de fluidos maravilhosos, de longos languores, de demorados gozos, de supremas quinta-essências de sensibilidade.

O sentido palatal, o sentido olfativo e o sentido visual, profundas manifestações da vida molecularizada, ele as sentia agora de uma aguda penetração superorgânica, prodigiosamente penetrados da extrema carícia, dos fenômenos desconhecidos que o invadiam.

Um nimbo azul, ouro, azul, ouro, azul, eterizava-o como se ele, por abstratas formas estranhas, girasse nas constelações, nas curiosidades prismáticas, cambiantes dos eclipses. . .

Parecia que áspides delicadas, de uma volúpia ultraceleste, enroscavam-se nele, enlaçavam-lhe o corpo todo, sugando-lhe com insaciável frenesi a força vital das vértebras e dando-lhe uma nova vida ainda não vivida pelos seus nervos, ainda não experimentada pelo seu sangue, ainda não sofrida pelos seus sentidos — vida de outras origens, de outras sensações fugitivas, de outras complexidades múltiplas, de outras nevroses absurdas, de outras estesias cândidas, de outros sóis e de outras noites, de outras recordações e de outros esquecimentos . . .

Uma vida sem os contatos epidérmicos, sem os quebrantos doentes da carne, sem os delírios da matéria — inteiramente livre de todos os grilhões do organismo humano. Vida desmolecularizada nas esferas, plainando no absoluto — luz de harmonia, harmonia de luz evaporada, diluída na grande luz astral, subindo camadas, camadas, mais camadas de luz, mais camadas de harmonia, quinta-essencialmente subindo sempre, subindo impessoalizando-se e sideralizando-se através dos corpos em gestação, nas partículas mínimas, infinitesimais do Ser, do branco infinito do Sonho . . .

E aquela extrema carícia, sempre a inocular-lhe nas veias um frio e divino vinho voluptuoso de graça langue, de graça mórbida, de

graça sonâmbula. Sempre aquela carícia adormentadora miraculosamente adormecedora.

Sempre aquele ópio fascinante que o sonolentava, pouco a pouco mais intenso, mais profundo. . . E névoas, névoas, de uma deliciosa e pacificadora noite aveludada, sem uma só estrela! o iam envolvendo de forma capciosa e lenta. Aos poucos se extinguia, num final de crepúsculo, a vida chamejativa e original de seus olhos, a ânsia derradeira, o alento último de sua boca já apagada, já muda. No cérebro ia-se-lhe vagamente distendendo, tentacularizando a sensação secreta de um negro, sinistro silêncio. . . As reminiscências recuavam, sumiam-se nos indefiníveis mistérios . . . mesmo, agora, finas mãos glaciais, esqueléticas e invisíveis, de longos e esguios dedos trêmulos, andavam-lhe demoradamente a palpar o corpo todo, de baixo acima, tateando pelo seu rosto, devagar, pou-sando sobre os seus olhos, sobre as pálpebras, a cerrá-las, a fechá-las com cuidado, devagar na delicadeza e na extrema carícia dos longos e esguios dedos trêmulos . . . Até que, na convulsa vibração das íntimas cordas sensibilizadas de todo o seu ser, ele sentiu então, compreendeu então irremediavelmente já, do mais horrível modo tenebroso e gelado, pela primeira e única vez! todos esses sutis e esquisitos efeitos letais daquela extrema carícia. . . (Cruz e Sousa. *Evocações*. José Aguilar, 1961.)

Este fragmento é apenas um exemplo. Muitas vezes o inconsciente é revelado na obra inteira, outras vezes basta que se observe um “monólogo interior”, técnica inventada pelo escritor francês Edouard Dujardin (1861-1949) que o utilizou no seu romance *Les louriers sont coupés*, em 1887, e que consiste na reprodução de pensamento íntimos tal como vão surgindo.

5. PSICANÁLISE LITERÁRIA E EDUCAÇÃO

É muito importante para o educador a utilização do que aqui chamamos de “psicanálise literária” em sala de aula.

No que se refere ao ensino da redação, por exemplo, algumas orientações podem ser tiradas:

- a) as redações literárias dos alunos constituem oportunidades de fuga, catarse e terapêutica;
- b) para não tolher a espontaneidade dos alunos, convém o professor adotar a prática de não comentar as redações em grupo, sem destacar as melhores ou piores sob o pretexto de exemplificar;
- c) redações de tema livre devem ser solicitadas periodicamente para favorecer a oportunidade de catarse;
- d) as imagens usadas pelos alunos, se desprovidas de ligações com o inconsciente, nenhuma ressonância terão no leitor, parecerão artificiais — aspecto que poderá ser observado pelo professor.

Muitas vezes a preferência por determinado tema revela uma problemática do aluno. Como por exemplo citamos o caso de um aluno de quinta série do curso fundamental, que em todas as redações do tema livre, discorria sobre *morte*. Verificou-se mais tarde que ele assistira à morte da irmã em um acidente de automóvel.

Outro aspecto importante para o educador é o que se refere à leitura. A preferência por determinada leitura ou autor pode bem revelar a “cumplicidade entre dois inconscientes”, uma identificação. O dito popular “dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”, pode ser parafraseado em “dize-me o que lê e dir-te-ei quem és”.

O trabalho conjunto do professor de literatura-bibliotecária-orientador educacional pode conduzir a melhor conhecimento de alguns aspectos do inconsciente dos educandos.

Na ficha de leitura utilizada na Biblioteca do Colégio Nova Friburgo, há perguntas cujas respostas podem ser encaminhadas ao orientador:

- Você já leu algum livro cujo personagem principal fosse como gostaria de ser? Diga qual é o seu título.
- Você gostaria de viver de algum modo descrito em algum dos livros que leu? Qual?

Sublinhe o sentimento que experimentou ao acabar de ler.

Indiferença — calma — tristeza — sensação de tempo perdido — satisfação — paz — revolta — compaixão — admiração — alegria.

Resumo

1. A análise deliberada de operações mentais inconscientes é relativamente recente.
2. Segundo Freud os sonhos têm um sentido e são mensagens do inconsciente, o mesmo acontecendo com os “sonhos” inventados por um escritor.
3. Ao criar a obra literária o escritor vai abeberar-se em sua realidade, sobretudo a inconsciente.
4. O estudo de algumas obras revelou relações interessantes entre os mitos, a literatura e sobre as origens inconscientes da necessidade mitológica e literária.
5. A literatura atende a uma ânsia de evasão e funciona assim como terapêutica, fuga, catarse.
6. É importante para o educador a utilização do que chamamos de “psicanálise literária”, para o conhecimento e a orientação dos educandos.

BIBLIOGRAFIA

Carreter, Fernando Lázaro. *Manual de explicação de textos*. SP, 1962.

Cuvillier, Armand. *ABC da psicologia*. Cia. Ed. Nac., 1953.

Filloux, Jean C. *O inconsciente*. SP, Dif. Européia do Livro, 1955.

Guillaume, Paul. *Manual de psicologia*. Buenos Aires, Paidós.

Kayser, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra, Armenio Amado, 1962.

Maussaud, Moisés. *Guia prático de análise literária*. Cultrix, 1970.

Mira y López, E. *Avaliação crítica das doutrinas psicanalíticas*. 1964.

Proença Filho, Domicio. *Português e literatura*. Liceu, 1974.

Sant'Ana, Affonso Romano. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Vozes, 1974.

Wolleim, Richard. *As idéias de Freud*. Cultrix, 1974.

BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Praia de Botafogo, 190 — 7.º andar.

266-1512 ramal 170 — Serviço de Referência e Circulação;
ramal 171 — Serviço de Referência Legislativa.

Horário: janeiro e fevereiro todos os dias úteis das 8 às 12 horas e das 13,30 às 17,30 horas; março a dezembro, todos os dias úteis, das 8 às 20 horas e, aos sábados, das 8 às 12 horas.

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Rua da Candelária, 6 — 3.º andar 221-2331.

Horário: todos os dias úteis das 8 às 12 e das 13 às 17 horas;
às quintas-feiras só funciona no horário da manhã.